



**FAZER DO CONGRESSO SINDICAL
UMA JORNADA DE LUTA E UNIDADE
DERROTAR AS MANOBRAS
DOS INIMIGOS DO MOVIMENTO SINDICAL**

COMUNICADO DA COMISSÃO POLITICA DO COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (RECONSTRUIDO)



À CLASSE OPERÁRIA AOS DIRIGENTES E DELEGADOS SINDICAIS REVOLUCIONÁRIOS A TODO O POVO EXPLORADO

Um grande perigo ameaça a classe operária e o povo trabalhador de Portugal: a divisão do movimento sindical por várias centrais e a ofensiva do grande capital contra as outras conquistas dos trabalhadores.

O governo reaccionário do dr. Soares, ao serviço do grande capital e do imperialismo, tem desenvolvido uma intensa campanha reaccionária para facilitar a divisão do movimento sindical. Por sua vez, os cunhalistas e os seus agentes no movimento sindical, no seu sonho da "maioria de esquerda" e de procurar ganhar uns tachos no governo para daí tentarem salvar a burguesia, e servirem os seus patrões social-imperialistas, têm conciliado com esta ofensiva, não mobilizando os trabalhadores para a luta, fazendo da sua oposição a estas medidas uma cruzada de moções, de negociações nos gabinetes, desarmando as massas e não lhe apontando os caminhos da luta.

Mais que nunca é necessário que os revolucionários, os dirigentes e delegados sindicais servidores da classe se coloquem à frente das massas e lhes apontem o caminho em torno de uma alternativa revolucionária de unidade.

O PCP(R), vanguarda organizada do proletariado, ao mesmo tempo que define a sua posição política sobre as grandes questões que hoje se colocam ao movimento operário e sindical, chama à unidade todas as forças revolucionárias, todos os dirigentes e delegados sindicais, todos os trabalhadores conscientes com ou sem partido, para a luta pela organização e mobilização das massas contra a ofensiva do grande capital, para a derrota dos inimigos no nosso seio e para a unidade e luta do campo popular.

1. AS GRANDES CONQUISTAS DOS TRABALHADORES AMEAÇADAS PELA OFENSIVA DOS CAPITALISTAS E DO GOVERNO

É ao nível dos CCTs, dos despedimentos e do aumento do custo de vida que tem sido mais intensa a ofensiva do grande capital e do imperialismo.

- Milhão e meio de trabalhadores gravemente afectados pelo congelamento dos CCTs;
- Mais de 500 mil desempregados;
- Aumento vertiginoso do custo de vida;
- Entrega das terras no Alentejo que davam trabalho e riqueza, aos latifundiários para delas fazerem coutadas.

Para completar este quadro, o Governo vai mais longe:

- 30 milhões de contos para indemnizar os grandes capitalistas e latifundiários;
- Milhares de contos para armas e outro material bélico para armamento do exército;
- Indemnização ao governo fascista espanhol em largos milhares de contos;
- Indemnização à Igreja reaccionária para que esta tenha os seus jornais e rádios.

E TUDO ISTO À CUSTA DE QUEM ? À CUSTA DOS TRABALHADORES!

De um lado, os trabalhadores com o seu salário de miséria vêem o governo e o grande capital impedir e boicotar as suas justas reivindicações; do outro, os ricos que vêem o governo meter-lhe nos bolsos milhares de contos. Os ricos ficarão cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres. É a solução para a crise que o dr. Soares nos oferece.

O dr. Soares e o seu governo, para satisfazer os desejos do grande capital, tem um programa claro.

Assim, contra a inflação e a especulação, o Governo decreta: congelamento e boicote dos CCTs;

Para reestruturar as empresas em crise: despedimentos ou reduções dos ordenados;

Contra a situação de miséria de grande parte do povo: aumento do custo de vida.

Para lutar contra esta ofensiva é necessária uma direcção política e sindical revolucionária que mobilize as massas através de greves, de manifestações e de outras formas de luta. Mas os grandes sindicatos operários ainda estão na posse dos dirigentes sindicais cunhalistas e estes, como traidores que são, têm desmobilizado os trabalhadores da luta e têm-nos empurrado para becos sem saída e até para o desespero.

A direcção revolucionária do Sindicato da Construção Civil da Madeira deu um magnífico exemplo de mobilização e direcção das massas para a vitória e demonstrou na prática, perante as massas, qual a diferença entre uma direcção sindical revolucionária, intimamente ligada aos trabalhadores, e uma direcção burocrata e parasita, agarrada às negociações de gabinete.

A nossa tarefa fundamental é a de lutarmos pela unidade das massas, mas essa unidade não se conseguirá enquanto estes inimigos não forem afastados do nosso seio. É necessário, pois, que à frente dos sindicatos sejam colocados homens honestos, de inteira confiança dos trabalhadores. Só assim será possível a unidade, a luta e a vitória.

É necessário desde já mobilizarmos todos os trabalhadores explorados para a luta pela saída e cumprimento dos CCTs.

Que em todos os sectores se encontrem as melhores formas de luta, tais como: Greves totais, greves de zelo, manifestações, moções, etc.

Que a todas as tentativas de despedimento os trabalhadores se unam em torno dos despedidos e exijam até à vitória a sua reintegração.

2. ABOLIÇÃO DA UNICIDADE E QUOTIZAÇÃO — MANOBRAS REACCIONÁRIAS DE DIVISÃO

O governo e o grande capital começaram a sua grande ofensiva contra o movimento sindical acabando com a unicidade sindical na lei. Vem agora o decreto sobre as quotizações que pretende dar uma machadada final na organização do movimento sindical.

É preciso que fique bem claro o que pretende o governo com esta medida: esta manobra tem como objectivo desorganizar o movimento sindical, separar os trabalhadores dos sindicatos e criar a partir dos locais de trabalho vários sindicatos, segundo as simpatias partidárias e religiosas dos trabalhadores.

Este objectivo tem que ficar bem claro perante todos os revolucionários e perante as massas para que nos possamos opor com êxito a mais esta tentativa criminosa de divisão.

Os caciques sindicais cunhalistas, porque são atingidos no seu reino de parasitas e não porque lutem pela unidade do movimento sindical, começaram a fazer uma intensa campanha de agitação contra esta medida reaccionária. Mas também aquando da unicidade sindical eles se afirmavam como os campeões da defesa desta conquista dos trabalhadores e depois negociaram com Soares, dizendo que não lutavam pela unicidade porque ela não estava consignada na Constituição.

Também agora eles fazem uma grande barulheira. Mas a sua falsa luta continua a cingir-se às reuniões, às moções, à agitação sem saída para a luta. O que eles pretendem é ganhar tempo para negociar com Soares e Eanes, para que

depois possam recuar com o menor número possível de perdas, isto é: os imperialismos vão negociar e, embora pretendam lutar entre eles para ver quem fica com a maior fatia do bolo do movimento sindical, vão acordar na divisão e na traição aos interesses dos trabalhadores.

Contra os objectivos desta medida reaccionária e contra as traições dos cunhalistas, é necessário mobilizar as massas para todas as formas de luta. Mas é fundamental que as massas vejam uma saída revolucionária para a presente situação. Assim, para impedir os objectivos de divisão desta medida, para impedir que os caciques cunhalistas e soaristas apareçam nas fábricas a fazer a recolha das quotas segundo as simpatias partidárias dos trabalhadores, começando assim a formalizar a criação de diversos sindicatos, é necessário que as Comissões Sindicais se organizem e organizem os trabalhadores para a recolha militante e revolucionária das quotas. É necessário que estas comissões sindicais exijam a presença nos seus locais de trabalho das direcções sindicais para explicar aos trabalhadores a importância que tem a unidade sindical e o pagamento das quotas e para prestarem contas perante a classe dos dinheiros dos sindicatos.

As Comissões Sindicais devem promover plenários de fábrica para que todos os trabalhadores discutam esta questão e para que todos os trabalhadores, através da compreensão da importância de pagar quotas, aprovelem em plenário a obrigatoriedade de todos os trabalhadores estarem sindicalizados no seu Sindicato.

3. POR UMA REESTRUTURAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DO MOVIMENTO SINDICAL

O fim da unicidade sindical na Lei, o Decreto sobre as quotizações e o agrupar dos sindicatos em dois blocos, Intersindical e "Carta Aberta", são manobras que visam um objectivo muito claro: a divisão do movimento sindical e, por consequência, a divisão dos trabalhadores.

Na realidade, tanto a "Carta Aberta" como o Secretariado da Intersindical estão empenhados num trabalho que visa a constituição de duas centrais sindicais.

A nossa tarefa consiste em anular estas criminosas intenções e apresentar às massas uma alternativa política revolucionária, para que essa unidade se materialize numa central sindical única, democrática e revolucionária. É pela unidade combativa dos trabalhadores que nós devemos lutar e só a mobilização e organização das massas em torno de uma alternativa revolucionária impedirá a formação de diversas centrais.

A estrutura sindical existente é uma estrutura herdada do fascismo e ela é propícia a todos os golpes dos inimigos dos trabalhadores.

O PCP(R), ao mesmo tempo que continua a lutar dentro da estrutura existente, defende desde já uma estrutura que sirva os reais interesses das massas e que facilite a sua unidade. Esta estrutura que o nosso partido defende tem que passar por um amplo debate nas massas populares, tem que ser enriquecida com base nas conclusões desses debates e tem que ser um meio, uma arma de luta contra os que nos pretendem dividir.

— A estrutura sindical existente não permite a participação dos trabalhadores na vida sindical;

Sindicatos com 30 e 40 mil sindicalizados realizam assembleias com a presença máxima de 500 trabalhadores;

— As eleições para as direcções sindicais não têm participação superior a 20% dos trabalhadores;

— Os dirigentes eleitos não são do conhecimento da classe.

Criam-se assim condições para que os partidos burgueses, com fortes aparelhos de apoio e muito dinheiro, ganhem os principais sindicatos; para que uma casta de burocratas sindicais se instalem nos sindicatos e fora do controlo das massas, para que os sindicatos se transformem em apêndices dos partidos burgueses, do governo e até do imperialismo. Por sua vez, em caso de golpe fascista, é fácil ao governo cortar a espinha ao movimento sindical porque, encerrando a sede dos sindicatos, paralisa o movimento sindical.

A nova estrutura que irá substituir a que foi herdada do fascismo terá que ter em conta uma questão muito importante: a participação das massas na vida sindical. Só assim se evitará que os sindicatos se tornem instrumentos da contra-revolução.

A participação das massas no movimento sindical exige a discussão dos grandes problemas dos trabalhadores, permite a tomada colectiva de decisões justas, empenha todos os trabalhadores na aplicação e na defesa das decisões colectivamente tomadas, impede que a burocracia sindical tome decisões pelas massas e contra os interesses destas.

A defesa de uma estrutura intimamente ligada às massas a partir dos seus locais de trabalho, assume uma importância política muito importante no momento em que os nossos piores inimigos arremetem contra a unidade do movimento sindical. Esta estrutura intimamente ligada às massas, a partir dos seus locais de trabalho, deve no entanto ter em consideração uma questão muito importante: a ligação a uma estrutura centralizada a nível nacional — a Central Sindical Única, Democrática e Revolucionária — para a unidade e a organização das massas ultrapassarem os muros da

fábrica e virem desembocar numa direcção única e revolucionária a nível nacional.

O PCP(R) apresenta aos dirigentes e delegados sindicais revolucionários e a todos os trabalhadores a sua alternativa orgânica, com a constituição de sindicatos a partir dos locais de trabalho e unidos num centro único que será a Central Sindical.

Esta proposta virá também conquistar a estrutura

existente e transformá-la em estrutura que sirva os interesses das massas.

Só pela intensa luta de todos os revolucionários na estrutura sindical existente, na conquista dos grandes sindicatos para o campo revolucionário, é que será possível levar à prática a nova estrutura e fazê-la aceitar e reconhecer pelas massas.

4. CONGRESSO SINDICAL – CAMINHO E TRIBUNA DE LUTA E MOBILIZAÇÃO PARA AS MASSAS

Muitas têm sido as insuficiências dos revolucionários neste processo do Congresso Sindical. Tem sido patente a incapacidade de mobilização e organização das massas de forma que elas façam deste Congresso uma grande Jornada de Luta e Unidade.

Com esta falta de mobilização das massas têm beneficiado os caciques do Secretariado da Intersindical, que têm feito da preparação do Congresso um estendal de golpes e manobras antidemocráticas. Também os caciques burgueses de algum sindicato da "Carta Aberta" têm conseguido enganar com a sua demagogia pretensamente democrata certas direcções sindicais e camadas grandes de trabalhadores.

É necessário que o tempo que falta para o Congresso seja totalmente aproveitado pelos revolucionários para a discussão junto às massas das propostas revolucionárias apresentadas por sindicatos servidores da classe.

É necessário fazer do próprio Congresso uma importante jornada de luta e organização das massas pela criação da Central Única, Democrática e Revolucionária, obrigando os caciques cunhalistas e soaristas a submeter-se à vontade das massas. É necessário conquistar para as posições justas

todas as direcções, dirigentes e delegados sindicais verdadeiramente interessados em servir a classe a que pertencem.

Para além das propostas apresentadas pelas direcções sindicais revolucionárias é preciso defender no Congresso mais as seguintes propostas:

1. Formas de luta revolucionária contra os objectivos reaccionários do decreto sobre a quotização (greves, manifestações, cobrança militante e revolucionária das quotas pelas comissões sindicais como forma superior de impedir os objectivos do grande capital).

2. A declaração de greve política geral no caso de golpe fascista.

3. O princípio da Unicidade sindical na Lei.

4. A importância política da reestruturação sindical a partir dos locais de trabalho num só sindicato.

5. A criação de uma Central Sindical Única, Democrática e Revolucionária.

O PCP(R) ao apresentar a sua posição política e a sua proposta de reestruturação, espera que elas sejam discutidas e enriquecidas com a participação dos dirigentes e delegados sindicais e das massas populares.

O PCP(R) lutará com todas as suas forças por esta alternativa de luta e unidade popular.

O PCP(R) tem uma confiança ilimitada nas massas trabalhadoras para a concretização desta alternativa revolucionária e tem confiança nas massas para as grandes vitórias sobre o capitalismo, sobre o fascismo e o imperialismo.

Viva a unidade combativa da classe operária e do povo explorado!

Viva a Central Única, Democrática e Revolucionária!

Um só Sindicato – uma só Central Sindical!

Viva o PCP(R)!

12 de Janeiro de 1977

A Comissão Política
do Comité Central
do Partido Comunista Português (Reconstruído)